
 <p>CENTRO DE ESTUDOS DE PRAGMATISMO FILOSOFIA - PUC-SP</p> <p>edue</p>	<p>COGNITIO Revista de Filosofia da PUC-SP Centro de Estudos de Pragmatismo</p> <p>São Paulo, v. 22, n. 1, p. 1-17, jan.-dez. 2021 e-ISSN: 2316-5278 ISSN: 1518-7187</p> <hr/> <p> http://dx.doi.org/10.23925/2316-5278.2021v22i1:e55699</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

C. S. Peirce, vida e obra: um paralelismo desconcertante

C. S. Peirce, life and work: a disconcerting parallelism

Lucia Santaella*

lbraga@pucsp.br

Recebido em: 07/05/2021.

Aprovado em: 13/07/2021.

Publicado em: 30/12/2021.

Resumo: A vida de Peirce teve um período de ascensão, seguido por um crescente declínio até o ponto de ter sobrevivido, na idade madura, na dependência cada vez mais necessária da generosidade de seu amigo William James. Este artigo acompanha as dificuldades, tortuosidades e vicissitudes, uma verdadeira saga vivida pela organização e publicação das 12.000 páginas que publicou em vida e das 100 mil páginas que deixou em manuscritos. As expectativas de uma publicação à altura do valor dessa obra e as dificuldades para que isso se realize geram um desconcertante paralelismo entre os destinos da vida de Peirce e os de sua obra.

Palavras-chave: Dificuldades. Obra. Saga. Vida. Vicissitudes.

Abstract: Peirce's life had a period of ascent, followed by a growing decline to the point that he survived, in his mature age, in the increasingly necessary dependence on the generosity of his friend William James. This article follows the difficulties, tortuosity, and vicissitudes, a true saga for the organization and publication of the 12,000 pages he published in life and the 100,000 pages he left in manuscripts. The expectations of a publication worthy of the value of this work and the difficulties for this accomplishment generate a disconcerting parallelism between the destinies of Peirce's life and those of his work.

Keyword: Difficulties. Life. Saga. Vicissitudes. Work.

1 Os altos e baixos de uma vida

Charles Sanders Peirce nasceu em 10 de setembro de 1839, em Cambridge, MA. Ele era o segundo filho, entre outros quatro, de Sarah Hunt Mills, filha do senador Elijah Hunt Mills, e de Benjamin Peirce, um proeminente professor de matemática e astronomia na Universidade de Harvard e considerado o matemático mais importante de seu tempo. Ele foi presidente da *American Association for the Advancement of Science* (1855-1857), um dos fundadores da *National Academy of Sciences*, e também superintendente da *U.S. Coast Survey* (1867-1874). O irmão de Benjamin, Charles Henry Peirce, era médico e sua irmã, Elizabeth Peirce, professora de literatura francesa e alemã. A casa de Peirce era frequentemente visitada por matemáticos e homens da ciência, poetas, artistas, advogados e políticos. Esse foi o ambiente privilegiado em que a vida intelectual do jovem Charles S. Peirce floresceu.

O pai de Charles deu-lhe uma educação liberal baseada em métodos heurísticos em detrimento de formalismos o que explica, em certa medida, a mente independente e original de Charles, por um lado, mas também, como alguns críticos declaram, seu espírito teimoso, por outro. No entanto,



Artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

* Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica – COS, e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital – TIDD da PUC-SP, São Paulo, Brasil.

muito cedo seu pai reconheceu a genialidade de sua mente e investiu em seu poder de concentração e autodisciplina. Seu treinamento no método experimental de aprendizagem começou muito cedo, sob a influência de seu tio, C. H. Peirce, que o ajudou a montar um laboratório de química particular e que levou Charles a escrever uma história da química aos onze anos. Em 1855, seu tio faleceu e ele herdou toda uma biblioteca médica e química. Quatro anos depois, Peirce se formou em Harvard e, em 1863, obteve o título de bacharel em química *Summa cum Laude*, da *Lawrence Scientific School* de Harvard. Entretanto, em vez de se dedicar à profissão em química, ele insistiu em ser indicado para a *U.S. Coast Survey*, a fim de obter os meios “para comprar livros e aparelhos e, assim, dedicar-se mais ao estudo da química”. Desde então, Peirce lançou-se em uma carreira que ocupou sua vida por trinta anos e meio “e o levou da química para a astronomia, geodésia, metrologia, espectroscopia e outras ciências” (FISCH, 1982, p. xx).

Garantido por esse emprego e casado com Harriet Melusina Fay, de uma família de elite, filha do bispo episcopal de Vermont, tudo parecia sinalizar que Charles Peirce teria uma carreira tão admirável quanto a de seu pai. Na verdade, sua estrela já estava brilhando. Na idade de 26 anos (1865), ele apresentou as onze palestras de Harvard sobre a Lógica da Ciência (W 1:162-302) e um ano depois, as onze palestras de Lowell sobre a Lógica da Ciência ou Indução e Hipótese (W 1:358-504). Em 1867, a *Academy of Arts and Science* o elegeu como membro e a *National Academy of Sciences* seguiu o exemplo em 1877. Peirce também começou um trabalho extra no Observatório de Harvard e, em 1869, publicou um livro de sua pesquisa, em 1878, *Photometric Researches*, que seria tido como o único livro a ser publicado em toda a sua vida. Também em 1867, ele começou a resenhar livros matemáticos e científicos para *The Nation*. Como assistente tanto na Coast Survey quanto no Observatório, Peirce pôde observar dois eclipses totais do Sol, em 1869, em Kentucky, e em 1870, perto de Catania, Sicília. Ele relatou a experiência como incomparavelmente, de todos os fenômenos da natureza, o mais sublime (FISCH, 1984, p. xxiii). Em 1867, publicou o artigo “On a New List of Categories” (W2:49-58), no qual já estavam plantadas as sementes de sua semiótica, acompanhada um ano depois pelos artigos no *The Journal of Speculative Philosophy*, conhecidos como a série cognitivista de Peirce (W2:193-272), nos quais as ideias de Descartes são desconstruídas de maneira muito original.

Ele se tornou um pesquisador conhecido e internacionalmente reconhecido em geodésia e gravimetria. Em suas viagens de pesquisa pela Europa, fez contato com lógicos europeus e seu trabalho sobre lógica booleana atraiu a atenção dos lógicos britânicos W. S. Jevons e Augustus De Morgan. Enquanto isso, seu casamento fracassava e, em 1875, quando Peirce estava no meio de um trabalho gravitacional na Europa, Zina o deixou, e alguns anos depois eles se divorciaram. Foi nessa viagem que Peirce se ocupou e seus dois famosos ensaios sobre a Lógica da Ciência: “The fixation of belief” (A fixação das crenças) e “How to make our ideas clear” (Como tornar as nossas ideias claras)¹, publicados no *Popular Science Monthly* em 1877-1878, e também como parte de “Ilustrações da Lógica da Ciência” (W3:242-337). No segundo desses artigos, quando se refere ao terceiro grau de clareza de apreensão, embora a palavra pragmatismo não apareça, a primeira enunciação da máxima pragmática de Peirce fez sua presença: “[c]onsidere quais efeitos, que podem concebivelmente ter implicações práticas, concebemos o objeto de nossa concepção ter. Então, nossa concepção desses efeitos é o todo de nossa concepção do objeto.” (W3:266).

Depois de tantos sinais de sucesso, foi por volta de 1884 que a estrela da biografia de Peirce começou a se apagar em ritmo progressivo até a trágica pobreza de sua vida privada a ponto de ser sustentado pela caridade de seu velho amigo William James. Como uma carreira tão promissora poderia ser arruinada dessa forma? Há muita controvérsia sobre isso. De todo modo, não apenas o divórcio era um estigma a suportar em uma sociedade conservadora, mas a ligação aberta de Peirce com sua nova parceira Juliette Annette Froissy ou Juliette Pourtalai, cuja identidade não está clara até hoje, afrontou ainda mais o ambiente acadêmico em que vivia. Além disso, a falta de diplomacia de Peirce, intensificada por sua disposição emocional intempestiva, tornou suas idiossincrasias intoleráveis.

1 Esses dois textos encontram-se traduzidos para o português no livro *Semiótica e Filosofia*, publicado pela Cultrix em 1972b.

No entanto, os documentos remanescentes indicam que o desastre de sua carreira não foi exclusivamente sua culpa, uma vez que havia contra ele outras forças dominadas por sentimentos humanos mesquinhos. O golpe veio em 1884, um ano após seu casamento com Juliette, quando Peirce foi dispensado de sua posição de professor em meio período na Universidade Johns Hopkins. O segundo golpe veio em 1891, novamente devido a disputas desagradáveis, quando ele relutantemente foi obrigado a renunciar ao cargo na *U.S. Coast Survey*. Esses dois desastres foram completados quando Peirce desperdiçou sua herança em uma grande casa em uma pequena cidade turística de Milford, Pensilvânia, onde passou o resto de sua vida solitária na companhia de sua esposa Juliette.

De qualquer forma, a verdade é que Peirce continuou dando uma série de palestras na Universidade de Harvard em vários momentos ao longo de sua carreira, manteve um amplo contato com figuras proeminentes em uma variedade de campos intelectuais, e foi mais conhecido e publicado do que pode ser suposto, embora pouco compreendido, deve-se dizer. Mais do que isso, para quem teve acesso à leitura cuidadosa de seus manuscritos, principalmente a partir de 1885, é surpreendente que Peirce nunca se tenha deixado abalar por seu fracasso biográfico. À medida que sua vida caminhava para a pobreza, seu entusiasmo pelo trabalho e pelas descobertas crescia no mesmo ritmo, mas do lado contrário, uma penúria física compensada por um intelecto ininterrupta e crescentemente fértil, potente e original.

2 A transferência dos manuscritos para Harvard

Há mais textos publicados sobre o destino imediato das 80 a 100 mil páginas dos manuscritos deixados por Peirce do que podemos imaginar. Ketner (1998a), no seu livro sob o título de *His glassy essence: an autobiography of Charles Sanders Peirce*, não poupa detalhes sobre as negociações da viúva Juliette Peirce para a transferência dos manuscritos aos cuidados da Universidade de Harvard, graças à mediação de Josiah Royce, provavelmente entre os únicos, juntamente com William James, que reconheceram a genialidade de Peirce enquanto ele ainda estava vivo. Ao mesmo tempo, diz Ketner (1998a, p. 41), que Royce deve ter sido responsável pelo falso mito de que Peirce era incapaz de completar qualquer livro.

Se formos à Carta 75, que corresponde às variadas tentativas de redação para a inscrição que fez a uma bolsa à Instituição Carnegie, de resto, recusada, Peirce, ele mesmo, fornece justas explicações para o fato, até certo ponto, verídico de que só tenha publicado em vida um único livro (1878) e editado um segundo (1883). Infelizmente essa carta não tem recebido a atenção que merece dos comentadores da obra de Peirce.

Em 1902, Peirce fez um pedido à Carnegie Institution para obter apoio para trazer seu trabalho em lógica em um todo sinopicamente ordenado, que ele a princípio imaginou como estando contido em “três volumes pesados”, mas finalmente veio a conceber como um conjunto de 36 “memórias” (ou “monografias”, como diríamos) de extensão variável, de um milhão de palavras ou mais no total. Existem (pelo menos) cinco rascunhos preliminares mais uma versão final do aplicativo – há razão para acreditar que parte do material manuscrito foi perdido ou pereceu – e o número total de páginas existentes é de aproximadamente 459, embora estas sejam na verdade, meias páginas. A versão final (com carimbo de recibo da Carnegie Institution, com data de 30 de julho de 1902) é de 80 páginas. (RANSDELL, 1998).²

Compartilho com Ransdell o julgamento da relevância desse documento deixado por Peirce. A relevância justifica-se em especial porque Peirce, mesmo que não fosse esse o objetivo último da carta, acabou por indicar ao leitor os caminhos mais privilegiados de orientação no labirinto de sua obra, por onde começar, por onde prosseguir e por quê.

2 Todas as traduções do inglês para o português neste texto são de minha autoria.

Aqueles estudiosos que trabalharam extensivamente com o *Nachlass* de Peirce, cuja porção existente contém algo como 100.000 páginas (incluindo correspondência), geralmente estão cientes desse manuscrito, e Carolyn Eisele transcreveu a versão final dele para inclusão em sua coleção de volumes sobre o trabalho matemático de Peirce, chamado *New Elements of Mathematics*. Mas [essa carta de Peirce] nunca atraiu muita atenção, exceto como algo de especial interesse biográfico. Até onde sei, a única pessoa, além de mim, que percebeu que ela poderia ter alguma importância especial na interpretação geral da obra de Peirce foi Shea Zellweger, embora nossas respectivas preocupações com ela sejam de perspectivas um tanto diferentes. (RANSDELL, 1998).

Mas voltemos à questão que nos interessa neste ponto: a justificativa que Peirce apresenta para o fato de que pouco conseguiu publicar, com exceção de resenhas, artigos para revistas, muitas delas de divulgação da ciência e outros tipos de contribuições que o ajudavam a sobreviver e que, em nada, eram capazes de, pelo menos, sugerir a complexa obra que estava sendo longa e obstinadamente tecida nos manuscritos não publicados. Dizia Peirce:

Tenho a reputação de não terminar as coisas. Suponho que haja algo de verdadeiro por trás disso. Mas tem sido, como qualquer reputação amaldiçoada, longe de qualquer aproximação com a verdade, exagerada pela calúnia. [...] Sempre repetidamente ofereci meus manuscritos à edição, mas essas ofertas sempre foram recusadas. [...] O efeito de não ter meu trabalho publicado deriva de estar ocupado com a lógica com a qual eu sozinho me preocupava, independentemente de publicação. [...] Nunca estive desinclinado a continuar as séries de publicações que comecei. O problema é que nunca consegui tê-las publicadas. (L75, E200-201).

Tudo indica que Peirce estava com a razão, quando se considera o estado de desconhecimento da magnitude de sua obra logo após sua morte, algo que pode ser comprovado não só pela indiferença do departamento de filosofia de Harvard pelos manuscritos que ali chegaram, mas também pelo comportamento do chefe do departamento, James Haughton Woods, que só agiu para a aquisição dos manuscritos instado por Royce, como nos afirma Ketner (1998a, p. 41-46), segundo o qual, outro grande mito, tomado como fato pelos acadêmicos ao longo dos anos, diz respeito ao estado fragmentado dos manuscritos.

O primeiro a ter acesso aos manuscritos foi Victor Lenzen, um estudante enviado a Milford a mando de Harvard, para receber da viúva e providenciar o transporte das caixas de manuscritos e dos livros da biblioteca de Peirce. É melhor não comentar por enquanto sobre o destino dessa biblioteca com muitos de seus livros doados por Harvard não obstante as anotações de Peirce. Fiquemos com os manuscritos.

Logo depois do depósito dos manuscritos na Houghton Library em Harvard, Royce tomou a si a responsabilidade de providenciar uma possível organização e publicação. Os manuscritos chegaram em dezembro. No início de janeiro, Royce recebeu uma carta de Wendell T. Bush da Universidade Colúmbia, editor do *Journal of Philosophy*, pedindo um artigo sobre a lógica de Peirce e indicações de outros autores para um número do periódico dedicado a Peirce. Após indicar os nomes de Mrs. Ladd-Franklin, B. I. Gilman e J. Jastrow, que foram alunos de Peirce, Royce adicionou:

Acabamos de receber em Harvard, os existentes manuscritos lógicos de Charles S. Peirce, um presente da sua viúva, e, como espero, um prêmio verdadeiro. Estou buscando algum acerto para editá-los. Eles estão certamente em estado fragmentado, mas, também, com certeza, incluem monumentos valiosos do seu gênio único e caprichoso. (*apud* KERNAN, 1965, p. 91).

Logo depois, insatisfeito com o artigo que escrevera, Royce contou, para terminá-lo, com a colaboração de W. Fergus Kernan, seu estudante de doutorado ao qual havia designado a tarefa da organização dos manuscritos de Peirce. Para isso, Kernan foi liberado dos cursos e recebeu os créditos correspondentes para se dedicar inteiramente ao estudo e edição dos manuscritos, uma tarefa nada fácil diante da imensidão da tarefa. Junto com o artigo para o periódico, Bush também havia requerido como apêndice um catálogo de todos os manuscritos de Peirce. A tarefa se provou difícilíssima. No testemunho de Kernan sobre a dificuldade, teve início o histórico ou, quem sabe, a lenda sobre a confusão inconcebível dos manuscritos. Consideremos: um estudante, sem a menor noção acerca da obra de Peirce, interessado exclusivamente na metafísica do autor, sobre cujo tema escrevia sua tese, como poderia encontrar alguma orientação na “massa galáctica” – em suas próprias palavras (*apud* KERNAN, 1965, p. 94) de caixas de manuscritos?

Não obstante, em parceria com Royce, Kernan organizou o primeiro catálogo evidentemente incompleto dos manuscritos, um texto de vinte páginas com a avaliação do conteúdo e das condições físicas dos manuscritos. Logo depois, Royce veio a falecer. Não restava mais nenhuma pessoa viva com interesse naquela massa de manuscritos, a não ser indiretamente Woods e Kernan, a quem foi dada a tarefa de encaixotar os manuscritos que estavam na sala de Royce já que esta seria ocupada pelo próximo professor da cátedra. Em 1917, os manuscritos haviam sido colocados em 83 caixas. Então veio a declaração da guerra mundial e um ponto final foi dado a essa etapa de organização dos manuscritos, etapa tão acidentada quanto as que viriam depois.

3 As aventuras dos *Collected Papers*

Tanto Charles Hartshorne quanto Paul Weiss, editores dos seis volumes dos *Collected Papers*, tiveram suas memórias registradas sobre a edição cuja responsabilidade lhes coube. Hartshorne foi entrevistado por Erwin C. Lieb, em 1970, 37 anos depois de seu trabalho de edição em Harvard. O passar dos anos deixou sua memória sobre os fatos já bastante apagada, detalhe várias vezes confesso no decorrer da entrevista. De todo modo, o testemunho é capaz de revelar várias questões, entre elas e, principalmente, o desinteresse pelos manuscritos que o departamento de filosofia de Harvard continuava demonstrando, depois de quase vinte anos da morte de Peirce.

Ademais, sem que tenha sido mencionado por Hartshorne, existe um lado sombrio do destino dos manuscritos, conforme menção de Houser (1992, p. 1261). Há rumores de que alguns originais foram levados para estudo e, pior, houve casos de manuscritos serem embolsados. “Pilhas de páginas consideradas inúteis foram doadas para uma campanha de coleta de papel durante a guerra, e há um boato persistente de que algumas das cartas íntimas de Peirce foram deliberadamente destruídas”. Sabe-se, ainda, que algumas cartas foram retiradas da Coleção Peirce e colocadas na Coleção William James. Por fim, um grande número dos volumes da biblioteca de Peirce foram doados, muitos para uma universidade no Japão que perdeu sua biblioteca em um grande incêndio, e alguns para outras bibliotecas.

Na entrevista, Hartshorne confessa que a tarefa que lhe foi proposta pelo departamento, na pessoa de Woods, era apenas a de um emprego como qualquer outro, pois seu desconhecimento da obra de Peirce era total. Se não fosse a ajuda de Weiss, que se juntou a ele algum tempo depois de ter iniciado seu trabalho, a edição dos seis volumes jamais teria sido possível. Nunca, nos três anos de trabalho juntos, receberam qualquer visita ou qualquer sinal do departamento de filosofia. A outra questão é o estado em que Hartshorne encontrou os manuscritos, cuja descrição revela que eles haviam passado por manipulações, muitos em prateleiras e fora das caixas rotuladas, detalhes que vêm trazer mais munção para a hipótese de que os manuscritos vindos de Peirce estavam em indescritível desordem.

Há uma declaração de Peirce que, de certa forma, contribui com essa lenda.

Devo dizer-lhe que tudo que se pode encontrar publicado de meu trabalho em lógica são simplesmente fragmentadas floradas aqui e ali de uma veia rica que permanece não publicada. A maior parte, suponho, foi escrita; mas nenhum ser humano poderia juntar os fragmentos. Eu mesmo não poderia fazer isso (MS 302).

Embora, essa passagem, de fato, possa contribuir com a crença na desordem, ao mesmo tempo dá a perceber o exagero com que os comentadores a tomaram, sem nunca se perguntarem quantas mãos da mais pura ignorância passaram pelos manuscritos.

Conforme a entrevista de Hartshorne transcorre, vai ficando claro que a leitura dos manuscritos foi progressivamente encantando-o, especialmente naquilo que, na obra, despertava o seu interesse: a metafísica e a cosmologia.

A principal questão ao se trabalhar com Peirce, para mim, era que ele sempre foi um filósofo muito interessante. Ele escrevia bem; tinha um mundo de ideias. Conhecia vastamente a ciência que eu não conhecia, e sempre senti que isso contribuía enormemente para a minha educação. Ele era o filósofo mais treinado em ciência que jamais conheci; em certo sentido, muito mais perto da ciência experimental concreta do que Whitehead, por exemplo. Ele lhe dá a sensação de um homem que está por dentro daquilo em que os cientistas pensam e, ao mesmo tempo, tem imensa imaginação para problemas nos quais os cientistas não estão interessados, e que, ademais, tem conhecimento da história da filosofia. Tem também humor e uma imaginação vívida. Raramente achei seus escritos entediante, mesmo ele tendo dito a si mesmo que “Para ser profundo é preciso ser entediante”. Talvez ocasionalmente e, talvez, em algumas dessas vezes, tenha sido profundo. Mas, em geral, ele era excitante e ainda o considero como o filósofo mais legível. (HARTSHORNE, 1970, p. 157-158).

A entrevista com Weiss, feita por Bernstein (1970), é mais longa e mais detalhada. Antes de tudo, essa entrevista corrobora o engajamento de ambos nas tarefas e nas dificuldades e falta de apoio encontradas: “[a] relação do departamento com Hartshorne, recém doutor, e comigo, ainda um doutorando, era quase inexistente” (BERNSTEIN; WEISS, 1970, p. 163). Hartshorne não tinha formação em lógica, por isso, chamou Weiss para ajudá-lo nessa parte. Este, por sua vez, havia sido aluno de graduação de Morris Cohen, por meio do qual teve acesso preliminar ao pensamento de Peirce. Cohen foi o editor de *Chance, Love, and Logic* (1923), única antologia de textos escolhidos de Peirce, publicada no intervalo de sua morte até o aparecimento dos volumes dos *Collected Papers*. Cohen já havia organizado uma edição especial do *The Journal of Philosophy, Psychology, and Scientific Method*, dedicado inteiramente a Peirce e que continha, inclusive, uma bibliografia preliminar das publicações de Peirce.

Embora a coletânea organizada por Cohen seja breve, ela é muito sábia. Na introdução à segunda edição, Ketner (1998b) recusa a convenção de que Peirce só publicou uma obra em vida, pois considera que Cohen selecionou duas obras que podem ser consideradas também como publicações em vida: a série de ensaios sobre “Ilustrações da Lógica da Ciência”, publicada na *Popular Science Monthly* e a outra composta pelos cinco ensaios sobre metafísica científica que apareceram serialmente no *The Monist*, de 1891 a 1893. Curioso observar que Cohen havia escolhido para a coletânea o título de *Tiquismo, sinequismo e agapismo*. Entretanto, por persuasão de sua mulher, substituiu esses neologismos por palavras bem mais atrativas, *Acaso, amor e lógica*.

Tudo isso indica que, quando Weiss se prontificou a ajudar o colega, ele não estava partindo da estaca zero: já tinha alguma notícia sobre a obra de Peirce a partir de um filósofo que já havia aberto trincheiras para o reconhecimento do valor de Peirce. Weiss tomou a si os manuscritos sobre lógica e, durante um ano, realizou seu trabalho sem remuneração e sem qualquer pretensão de se tornar um

coeditor. Terminado o ano, deixou Harvard, mas, logo depois, foi-lhe oferecido algum dinheiro para que retornasse e, desde então, passou a receber uma quantia na função de coeditor. O trabalho foi dividido da seguinte maneira: os volumes I, V e VI ficaram a cargo de Hartshorne e os volumes II, III e IV, de Weiss que, para isso, chamou pela ajuda de Henry Leonard, mais especialista em lógica do que ele. Nas palavras de Hartshorne:

Eu estava interessado em metafísica, e pode muito bem ser que os ensaios em metafísica e cosmologia tenham ocupado um espaço maior [na edição] do que uma pessoa teria lhes dado, mas isso não significa que tenha sido econômico quanto ao material da lógica que acabou por ocupar perto de quatro dos seis volumes. Portanto, não penso que a lógica tenha sido negligenciada. Mas meu interesse estava voltado para a teoria das categorias e para as especulações cosmológicas e penso que incorporei delas o que qualquer um teria incorporado. (HARTSHORNE, 1970, p. 153).

No testemunho de Weiss, o grosso do trabalho coube a si. Foi ele que elaborou os índices e reviu as provas. Isso deve ser verdade porque Hartshorne deixou Harvard em 1929, enquanto Weiss permaneceu até 1931, com um ano de intervalo de ausência. Quando também deixou Harvard, em 1931, levou consigo a Bryn Mawr todos os manuscritos para a edição do volume II. A edição nunca foi conferida pelo departamento de filosofia por mais do que algumas horas. O trabalho nunca foi examinado em detalhe. A formação de ambos os editores nunca foi verificada, nem a acurácia do trabalho ou o caráter representativo da seleção feita (BERNSTEIN; WEISS, 1970, p. 164). Enfim, tudo foi deixado à sorte de dois jovens inexperientes, mas, há de se convir, bastante corajosos.

Não é rumor que muito do material publicado consiste em fragmentos extraídos de distintos manuscritos e que muitos deles não voltaram a algum suposto lugar de origem. Segundo Weiss (BERNSTEIN; WEISS, 1970, p. 170), o estado caótico do material, quando começaram a trabalhar, era tal que a edição que realizaram trouxe alguma aparência de ordem ao que não passava de puro caos. Também não é rumor que muitos manuscritos foram perdidos por falta de apreço. As razões para tal indiferença que beira o desprezo foram tentativamente explicadas por Weiss:

Penso que todas essas falhas por parte do departamento de Harvard devem-se ao fato de que eles não tinham uma opinião muito alta de Peirce como pensador. Whitehead sugeriu-me em várias ocasiões que eu estava gastando muito tempo nos textos. A atitude do departamento foi típica da atitude de um bom número de pessoas. Quando me mudei para Bryn Mawr meus colegas mais velhos também diziam que eu estava gastando meu tempo. Afinal de contas, Peirce era uma figura obscura e excêntrica que era conhecido por ter feito alguma contribuição interessante para a lógica, mas não se pensava que merecesse muita consideração séria. (BERNSTEIN; WEISS, 1970, p. 171).

Dada a enorme quantidade dos manuscritos e a existência de temas que os seis volumes não podiam cobrir, chegou a ser projetada a edição de mais quatro volumes. O volume VII seria sobre física e temas relacionados, o VIII sobre psicologia, o IX sobre cartas e resenhas e, por fim, o X deveria conter uma biografia e um índice de todos os dez volumes. Entretanto, a venda dos seis volumes saiu vagarosamente e sem sucesso. Então, veio a recessão e os volumes subsequentes foram esquecidos. Foi só alguns anos mais tarde que uma edição subsequente foi cogitada junto com os nomes de Henry Leonard e Arthur Burks como possíveis editores. Por incrível que pareça, nenhuma consulta sobre os volumes e sobre a escolha do editor foi jamais feita a Hartshorne e Weiss. Pior do que isso, quando da publicação dos seis volumes, ambos não deveriam figurar como editores, pois o departamento de filosofia reivindicou para si a edição. Isso só não aconteceu porque Weiss se insurgiu com muita força contra esse disparate. Por fim, mais uma curiosidade. Se Peirce já não gozasse da reputação de ser o fundador do pragmatismo, pela vontade de Hartshorne e Weiss, o volume VI não existiria, pois, para eles, era o volume mais fraco. Para

Weiss, Peirce, ele mesmo, não concebia o pragmatismo como uma doutrina primária. Talvez tenha um fundo de razão, quanto se considera que, segundo Peirce, o entendimento de seu pragmatismo depende da intersecção de várias partes de sua obra, especialmente das ciências normativas entre si, conforme a passagem a seguir:

Parece-me que sou no presente o único repositório do sistema completamente desenvolvido, que só funciona com todas as partes e não pode ser apresentado em fragmentos. A minha visão de 1877 era grosseira. Mesmo quando fiz as conferências de Cambridge não tinha chegado ao fundo ou visto a essência da coisa toda. Foi só depois que obtive a prova de que a lógica deve estar fundada na ética, da qual é um desenvolvimento mais elevado. Mesmo então, fiquei estupidamente sem ver que a ética assenta no alicerce da estética com o que, não preciso dizer, não me refiro a leite, água e açúcar. Estas três ciências normativas correspondem às minhas três categorias, em seu aspecto psicológico, aparecem como Impressão, Reação e Pensamento. Avancei muito na compreensão dessas categorias desde Cambridge, e agora posso colocá-las numa luz muito mais clara e convincente. A verdadeira natureza do pragmatismo não pode ser compreendida sem elas. (CP 8.255-256, 1897).

4 A segunda fase dos *Collected Papers*

Burks havia defendido uma tese sobre “The Logical Foundations of Charles S. Peirce’s Philosophy” (As fundações lógicas da filosofia de Charles S. Peirce), em 1941. Paul Weiss leu a tese e a discutiu com ele. Estreitaram as relações e, quando Weiss deu um curso sobre Peirce, Burks assistiu a algumas aulas e chegaram a escrever um texto juntos sobre a estrutura categorial da obra de Peirce (1945). Ao passar por Cambridge, em 1943, Burks teve a curiosidade de visitar os manuscritos de Peirce em Harvard. O professor da universidade que possibilitou a visita fez questão de se referir ao material como “lixo” e não foi permitido a Burks o acesso às correspondências porque, segundo explicações da secretária do departamento, Peirce havia escrito algumas cartas impróprias.

Burks tornou-se um especialista em filosofia e em computação. Teve assim oportunidade de apreciar tanto o conhecimento que Peirce tinha da máquina analítica de Babbage, quanto a original compreensão peirciana dos sentidos humanos como máquinas raciocinantes (NEM 3/2:1114-1115). Trata-se de um breve texto no qual Peirce adiantou aquilo que se tornaria comprovado, ou seja, “nenhuma quantidade de escrutínio direto pode nos dizer qual parte daquilo que parece que vemos ou ouvimos é devido a estimulações dos terminais nervosos dos nossos olhos ou ouvidos e qual parte é uma interpolação quase-inferencial de nossas próprias mentes.” Mais à frente, ao comentar sobre a significação de tal fenômeno, apresentou uma de suas lições práticas, a saber, “que o instinto e a razão se mesclam por gradações imperceptíveis”, uma lição que Peirce levaria para sua versão madura da abdução.

Em 1955, Burks foi escolhido e convidado a trabalhar na edição dos volumes subsequentes dos *Collected Papers*. O departamento o acolheu bem, embora muitos de seus membros, quarenta anos depois da morte de Peirce, ainda tivessem dúvidas sobre sua importância. Burks obteve, além dos *Collected Papers*, quase todos os textos que Peirce publicou em vida, embora os relatórios escritos para a *Coast Survey*, estivessem depositados na biblioteca da Universidade de Michigan onde Peirce fez as medidas gravitacionais, em 1885. O acesso a todo o material que lhe foi disponibilizado permitiu a Burks produzir a bibliografia de Peirce que consta do volume VIII dos *Collected Papers*.

Ao elaborar a bibliografia, Burks ficou muito surpreendido com a quantidade de publicações sobre filosofia que Peirce realizou em vida, o que, até certo ponto, contradiz a ideia que Peirce tinha da limitação de suas publicações. Entretanto, se parecia muito a Burks, só Peirce podia ter ideia de tudo que

estava em falta, considerando-se o gigantesco número de manuscritos. Para Burks, contudo, cinco séries publicadas da filosofia peirciana eram equivalentes a livros:

- a) A série de 1867 sobre lógica.
- b) A série de 1868-1869 sobre conhecimento intuitivo, do *Journal of Speculative Philosophy*.
- c) As Ilustrações sobre a lógica da ciência, 1877-1878, publicadas na *The Popular Science Monthly*.
- d) A série de 1891-1893 sobre a teoria da aprendizagem cósmica da evolução, e) publicada no *The Monist*.
- e) A série de 1905-1906 sobre pragmatismo, também publicada no *The Monist*.

Nessas quatro diferentes etapas do pensamento de Peirce, surgem desenvolvimentos de formas de evolucionismo filosófico, estudados por Moore (1972a). Assim, os textos publicados já seriam capazes de fornecer um desenho da obra que, com a exceção dos últimos escritos, aparece do seguinte modo: classificação das ciências, fenomenologia e o desenvolvimento das categorias, a semiótica desenvolvida, a metafísica dos eventos, lógica como uma ciência normativa, abdução e o realismo causal probabilístico. Certamente, tudo isso na tradução interpretativa de Burks (1941, p. 94).

Para a organização dos dois volumes subsequentes que ficaram a seu cargo, Burks fez um arrazoado dos volumes anteriores: volume I sobre os princípios da filosofia de Peirce, a teoria das categorias; o volume II sobre lógica informal, inclusive a semiótica; os volumes III e IV sobre lógica matemática, inclusive os grafos existenciais; volume V sobre pragmatismo e o VI sobre metafísica e religião. Diante disso, o volume VII deveria cobrir o trabalho experimental de Peirce em psicologia com Joseph Jastrow, escritos sobre o método científico e sobre filosofia da mente. Também incluiria o texto pioneiro de Peirce “Notas sobre a teoria da economia da pesquisa”, além do plano de sua lógica, de 1873, contendo sua primeira formulação do pragmatismo. O volume VIII deveria conter as mais importantes resenhas e cartas filosóficas interessantes, assim como a longa bibliografia preparada por Burks.

Depois de um ano em Harvard, Burks teve oportunidade de examinar todos os manuscritos que lá estavam, além de outros localizados em distintos lugares. Isso lhe deu ideia sobre o que deveria ser incluído em uma edição das obras que desse ao leitor a chance de acompanhar o desenvolvimento do pensamento peirciano em mais detalhes. Não foram poucos os filósofos que criticaram os seis volumes dos *Collected Papers* por sua organização em tópicos e não cronológica. Embora considerasse essa opção razoável, dado o pouco conhecimento que os editores tinham da obra, para Burks, Peirce deve ser estudado cronologicamente, razão pela qual havia preparado uma bibliografia no final do volume VIII, como uma facilitação para recuperar a cronologia perdida. Igualmente apontou para o fato de que muitos textos de interesse a estudiosos não constam dos *Collected Papers*, daí a necessidade de uma edição cronológica mais significativa em relação à obra.

Para Pape e para muitos outros, os *Collected Papers* são uma bizzarria. Embora possa ser, detalhes da história relativos à negligência e até mesmo desprezo do departamento de filosofia em relação aos manuscritos revelam que o trabalho desses três jovens filósofos foi heroico. Além disso, durante pelo menos três ou quatro décadas era o se tinha de acesso à obra de Peirce. Embora a entrada nos textos seja de grande dificuldade dada a fragmentação tanto tópica quanto cronológica, nunca foi impossível a estudiosos de boa vontade exercerem um método exploratório, de certo modo arqueológico, para a montagem das partes da obra.

Quando Burks deu seu testemunho, estava-se em 1992 e já existia o *Peirce Edition Project*, fundado por E. Moore e Max Fisch. Suportado pela Universidade de Indiana e contando com o apoio do *National Endowment for the Humanities* (NEH) e o *National Science Foundation* (NSF), começou suas operações em julho de 1976 com o objetivo de produzir uma edição cronológica autorizada dos escritos de Peirce em mais de vinte volumes. No entanto, antes disso, é necessário relatar a saga da organização dos manuscritos.

5 A saga da organização dos manuscritos

Embora o catálogo, que ficou mais conhecido e é até hoje utilizado pelos estudiosos da obra de Peirce, seja o de Robin (1967), houve algumas tentativas de catalogação que vieram antes dele. Os primeiros catálogos foram realizados por W. F. Kernan e V. F. Lenzen. A lista de “Manuscripts of C. S. Peirce”, de Kernan, é um documento de nove páginas datilografado e foi preparado quando ajudava Royce a organizar os manuscritos ao mesmo tempo em que trabalhavam juntos em um artigo intitulado “Charles Sanders Peirce” que foi publicado no *Journal of Philosophy*, em dezembro de 1916, uma edição dedicada a Peirce e organizada por Wendell T. Bush. Esse catálogo bastante incompleto foi seguido pelas “Notes on Papers and MSS. In The Charles S. Peirce Collection”, de Lenzen, um texto datilografado de vinte páginas no qual avalia o conteúdo e a condição física dos manuscritos que, na época (dezembro de 1917), foram classificados e armazenados em 83 caixas.

Quando Robin começou a trabalhar no seu catálogo, em 1960, os manuscritos estavam em um mesmo local, mas havia três conjuntos separados, dois deles com um catálogo para cada e nenhum para o terceiro. A maior parte da coleção, em Harvard, consistia em sessenta e uma caixas e pacotes, mantidos nos Arquivos da Biblioteca Widener. Esse material dos arquivos havia sido organizado, encaixotado e catalogado em 1941 por Knight W. McMahan. As 99 páginas de McMahan datilografadas, “Catalogue of C. S. Peirce’s Manuscripts”, descreviam o que as caixas continham. Importante notar que o catálogo de McMahan foi elaborado depois da publicação dos seis volumes dos *Collected Papers*. Na avaliação de Robin (1967, p. 1), embora incompleto, esse catálogo chegava tão perto quanto possível, naquele momento, da colocação dos manuscritos em uma espécie de ordem final. Mais tarde, John R. Boler contribuiu com um acréscimo de nove páginas que lidavam mais efetivamente com as resenhas de Peirce. Importante também notar que, quando Burks organizou os dois volumes subsequentes dos *Collected Papers*, esses catálogos já lhe estavam disponíveis.

De todo modo, no estado de coisas de 1960, uma outra parte da coleção, bastante considerável, mas menos importante do que aquela que podia ser localizada nos Arquivos, havia sido mantida na Biblioteca Houghton. Esta parte consistia em cerca de dezenove caixas que não tinham sido classificadas nem catalogadas até 1960, quando Boler providenciou um texto de treze páginas sob o nome de “Catálogo Interim”. Foi em 1960 também que, por ordem de Miss Helen Ellis, sobrinha de Peirce, a correspondência da família foi se juntar à coleção. Além disso, havia diversos manuscritos que foram listados separadamente nos catálogos de Widener e Houghton: várias coleções de artigos sobre ou de Peirce, livros anotados da biblioteca de Peirce; documentos públicos e fotografias; e muito material não editado, para mencionar apenas alguns dos itens que precisavam ser integrados aos demais (ROBIN, 1967, p. 2).

Tais eram as condições que Robin encontrou e que buscou juntar na elaboração do seu catálogo. No prefácio de sua publicação, ele confessa que todos os trabalhos realizados antes dele facilitaram sua tarefa de integração, sem os quais o seu próprio trabalho não poderia ter sido produzido, certamente não no tempo que levou para isso. Depois de quase cinquenta anos, finalmente, houve uma virada de reconhecimento da relevância de Peirce por parte do departamento de filosofia de Harvard, o que fica perceptível na maneira pela qual Robin relata ter sido recebido. Além de registrar sua dívida para com aqueles que vieram antes dele, também enfaticamente mencionou aqueles que, seus contemporâneos, estavam dando continuidade ao trabalho de identificação, classificação e remontagem.

Segundo Houser (1992, p. 1264), em 1959, logo após a publicação dos volumes de Burks, Harvard pediu a Max Fisch que escrevesse uma biografia intelectual de Peirce. “Originalmente, supunha-se que a biografia seria o ápice de uma edição de dez volumes dos *Collected Papers*. Logo ficou claro para Fisch que a seleção e organização dos *Collected Papers* e, em particular, o estado de desorganização dos manuscritos” impediam um estudo sistemático do pensamento de Peirce. Junto com sua esposa, Ruth, e seu aluno, Don D. Roberts, começou a passar os verões em Cambridge para trabalhar nos documentos. Logo depois o grupo foi acrescido por Richard Robin e Murray Murphey, disponível enquanto escrevia

seu livro *The Development of Peirce's Philosophy* (1961). Depois de vários anos, esse grupo ao qual Carolyn Eisele também se juntou, trouxeram ordem suficiente aos manuscritos para que pudessem ser usados e citados de forma eficaz por pesquisadores.

No prefácio, Robin agradece muito especialmente a Max H. Fisch, Carolyn Eisele responsável pelos tópicos de matemática e história das ciências do Catálogo, Ruth B. Fisch pelos tópicos de biografia e correspondência, e Don D. Roberts que forneceu um índice página por página do importante *Logic Notebook* (MS 339) e que também havia feito um trabalho considerável em uma série de manuscritos de lógica. Antes da publicação, rascunhos do catálogo foram examinados por pessoas envolvidas e isso proporcionou oportunidade para correções e amplificações.

De fato, Robin (1967, p. 2) não poupou palavras de gratidão a Max H. Fisch que, junto com Ruth B. Fisch, passou uma quantidade incrível de tempo na editoração preliminar do Catálogo o qual documenta o conhecimento enciclopédico que Fisch acumulou sobre a vida e obra de Peirce. O catálogo de McMahan havia lidado razoavelmente bem com a matemática de Peirce, artigos filosóficos e científicos, mas apenas superficialmente com sua correspondência e outros papéis de interesse biográfico. Portanto, essa parte do Catálogo tem sua dívida expressa a Fisch. Além disso, foi este quem, mais do que ninguém, viu não só a necessidade da existência de um catálogo mais adequado do que os existentes na época, mas também se preocupou com a preservação dos próprios papéis.

Em 1971, Robin publicou um catálogo suplementar que se tornou necessário porque foi descoberto, em 1969, na Houghton Library, um número considerável de manuscritos importantes de Peirce que eram tidos como perdidos. Por isso, a descoberta não foi surpreendente porque era sabido pelos organizadores dos manuscritos que estavam em falta os *Notebooks* de Peirce, de fato, dezesseis *Notebooks*, além da oitava palestra sobre pragmatismo de Harvard. Robin discutiu todos os pormenores dessas novas entradas e correções de entradas do Catálogo, cujos detalhes não cabe enumerar aqui.

De todo modo, a existência da microfilmagem dos manuscritos ([1963-1966] 1979), do catálogo de Robin e das cópias xerográficas dos manuscritos depositadas na universidade do Texas, em Lubbock, tudo isso, passou, daí em diante a se responsabilizar por uma acentuada valorização do pensamento de Peirce, a partir dos anos 1970, até o seu prestígio internacional contemporâneo como o mais grandioso, multifacetado e original filósofo norte-americano, mais do que um novo Aristóteles, um novo Leonardo.

Notório também é que, desde os anos 1960-1970, assistiu-se internacionalmente à emergência da semiótica europeia, cuja ascensão acabou por colocar em destaque a existência da semiótica peirciana, a doutrina formal e quase necessária dos signos. Como dizia Moore (1982, p. xii): “recentemente, uma proporção crescente de leitores de Peirce vieram a ele a partir da semiótica, a teoria geral dos signos, e consideram Peirce como o fundador ou, pelo menos, o fundador norte-americano” dessa ciência. De fato, nesse momento, a semiótica já havia atraído também a atenção de alguns filósofos que se notificaram pela exploração pioneira, cuidadosa e específica da teoria dos signos, tais como David Savan (1976), Joseph Ransdell (1977; 1979), Thomas Short (1981; 1982), pertencentes à primeira geração dos filósofos especialistas na semiótica peirciana e na avaliação do papel que esta desempenha no todo da obra. Enquanto isso, nascia o *Peirce Edition Project* e, com ele, a grande esperança de que a obra de Peirce, finalmente, encontraria uma edição à sua altura.

6 As vicissitudes dos Writings

Fisch não abandonou seus esforços para melhorar a organização dos manuscritos, e para coletar papéis de Peirce de outras coleções, por exemplo, talvez até dez mil páginas apenas nos Arquivos Nacionais. Surgiu, assim, a necessidade de uma edição cronológica abrangente e, em outubro de 1973, um grupo de acadêmicos se reuniu em Arisbe, em Milford, Pensilvânia, para discutir as perspectivas de uma nova edição. Nessa ocasião, Fisch apresentou o “Plan for a New Edition of Charles S. Peirce’s Writings”

(Plano para uma Nova Edição dos Escritos de Charles S. Peirce), que evoluiu para o Plano Arisbe. “A primeira etapa do plano adotado previa um acordo com a Harvard University para o uso dos manuscritos de Peirce. Este acordo foi alcançado e uma cópia xerográfica de toda a coleção de Harvard foi obtida pelo Instituto de Estudos em Pragmaticismo da Texas Tech University (HOUSER, 1992, p. 1264). Na continuidade do seu relato, Houser informa que, em 1974,

o Instituto enviou um grupo de estudiosos a Harvard para comparar as cópias xerográficas com os manuscritos originais na Biblioteca Houghton e para registrar qualquer informação relativa ao tamanho e tipo do papel, marcas d’água, cores de tinta, marcas esmaecidas ou notações, ou qualquer coisa outra coisa que possa ajudar na datação, organização e transcrição da cópia em xerox. (HOUSER, 1992, p.1265).

Em 1992, foi a vez de Edward Moore (BURKS; MOORE, 1992, p. 100-106) expressar suas reflexões sobre o significado e as dificuldades de se editar Peirce e do papel que ele próprio desempenhou para a instauração e instalação do *Peirce Edition Project*. Vale lembrar que, inspirado nos *Proceedings of the Aristotelean Society*, Moore fundou a *Transactions of the Charles S Peirce Society*, cujo primeiro número apareceu em 1965 e cuja editoração teve início com a parceria de Robin, uma parceria que se estendeu para a edição, em 1964, do livro *Studies in the philosophy of Charles S. Peirce*.

Em 1974, Moore foi nomeado *Executive Vice Chancellor* da Universidade de Indiana, um cargo de poder que lhe permitiu, graças ao seu conhecimento da filosofia de Peirce, instalar o *Peirce Edition Project* na universidade. Para isso, o projeto de seu desenvolvimento foi transferido do Texas para Indianápolis, com uma cópia da edição em microfilme dos manuscritos e dois conjuntos de fotocópias, um a ser mantido no arranjo original de Harvard e o outro a ser reorganizado e renumerado em ordem cronológica. A Fisch foi concedida a posição de editor geral, Christian Kloesel, que havia trabalhado com Fisch em Harvard, entrou como editor assistente, Lynn Ziegler, que fizera parte do John Dewey Project foi transferida como editora textual e, em julho de 1976, o *Peirce Edition Project*, com uma equipe de quatro pessoas, começou a funcionar.

Uma edição completa das obras de Peirce chegaria a mais de 100 volumes. Sendo isso impossível, o plano foi condensado em uma edição cronológica que, no início, foi pensada em vinte volumes, depois estendidos para 30. Cada período incluiria os textos mais importantes de Peirce, acompanhados de uma introdução descritiva dos dados históricos e biográficos relevantes e de uma lista cronológica de todos os textos produzidos naquele período. Segundo Houser, nesse texto que escreveu quando o projeto já estava em andamento há 26 anos, a tarefa do projeto assim se expressava:

Fornecer uma edição crítica definitiva, em arranjo cronológico, de uma ampla seleção dos escritos de Peirce. Embora as importantes coleções de Eisele e Ketner, bem como os *Collected Papers*, não devam ser subestimados, deve-se reconhecer que não podem ser considerados definitivos, pois cada um falha em atender a esse padrão na identificação e organização de seus textos ou em seus métodos editoriais. Para garantir que o padrão acadêmico desejado seja alcançado, o Projeto Peirce desenvolveu suas políticas de acordo com as estipulações do Comitê de Edições Acadêmicas da Modern Language Association. Desta forma, o Projeto espera produzir uma edição de cerca de trinta volumes que incluirá numerosos escritos inéditos, exibirá o desenvolvimento e a coerência do pensamento de Peirce, fornecerá um contexto que dará um novo significado e, talvez, importância a obras previamente conhecidas, e, em geral, fornecem o texto oficial de Peirce nos anos que virão. (HOUSER, 1992, p. 1265).

Em 1992, Houser, que então participava da equipe de edição do projeto, conhecia bem de perto as dificuldades de se editar a obra de um pensador polímata. Em função disso, menciona, no seu texto, uma passagem de Whalley (1963, p. 25 apud HOUSER, 1992, p. 1265).

Eu chamei nossos polímatas de “gênios” para distingui-los de meros estudiosos dotados de aprendizado e talento formidáveis. O gênio, por ser inexplicável em seu escopo, força, elegância e rapidez e, obviamente, para além do alcance normal do aprendizado e imaginação mundanos, a tentativa de editar a obra de um gênio é um ato de presunção ou loucura tornado possível apenas por algum ato de graça que sobrevém às limitações do inquiridor para redimir a pobreza de seus recursos.

Que Peirce era um polímata é hoje sobejamente conhecido e repetido. Entretanto, não é tão conhecida como deveria a multiplicidade de facetas de sua genialidade, conforme foi lembrada por Kloesel, que nos deu um testemunho balizado, pois como participante do *Peirce Edition Project*, inclusive seu diretor de 1984 a 1993, Kloesel chegou a conhecer os manuscritos como a palma de sua mão.

O escopo da pesquisa de Peirce inclui psicologia, estatística e probabilidade, matemática, astronomia, química, física, geodésia, biografia comparada, criminologia, cartografia, economia, filologia, religião, metafísica e história e filosofia antigas, medievais e modernas. Sua semiótica é lógica generalizada para conceber mentalidade e cognição como essencialmente comunicacionais, de modo que a comunicação colaborativa de inquiridores (exemplificada na ciência como aprendizagem por experiência coletiva) é a forma mais desenvolvida de comportamento humano, que pode ser tomada como um modelo de investigação (pesquisa e aprendizagem) em todo o espectro acadêmico. Mas suas ideias e realizações nessas e em outras áreas permanecem essencialmente obscuras e desconhecidas: devido ao prolífico volume de seus escritos e seu escopo tópico frequentemente inter-relacionado, e porque a maior parte de sua obra permanece não publicado. (KLOESEL; KEELER, 1997, p. 5).

Por coincidência o texto de Moore (1992) foi escrito justamente no mesmo ano em que Houser avaliava a proposta e insinuava as dificuldades do *Peirce Edition Project*. De fato, o primeiro volume só havia sido publicado em 1982, seis anos depois da instalação do projeto, com um custo de US\$ 300.000 por ano. O segundo veio dois anos depois. Mais dois anos e o volume 3 foi entregue ao público; o volume 4 surgiu em 1989, embora com a data de 1986. Moore lamentou a lentidão. Mas junto com isso evidenciou as imensas dificuldades que se interpunham na edição dos manuscritos. Vale a pena ler esse artigo de Moore porque nele estão descritas as grandes diferenças que vão entre a edição cronológica de um projeto como o de Dewey e outros, cujas obras haviam sido quase inteiramente publicadas em vida, e a edição a partir de manuscritos.

Sabe-se que Peirce era obstinadamente perfeccionista e reescrevia versões repetidas de um mesmo tema, por vezes ampliados. Introduzia também passagens digressivas e riscava palavras na busca de outras melhores, enfim, é preciso tomar conhecimento desse texto de Moore para que se possa ter uma visão mais justa do equívoco, segundo Moore da edição ter se fixado, sem saída possível, nas normas Edições Acadêmicas da *Modern Language Association*. Depois de 1989, a lentidão reclamada por Moore acentuou-se. O volume 5 foi publicado em 1993, o 6, em 2000, e o 8, em 2010. O sétimo ainda está esperando publicação. A lentidão torna-se mais frustrante devido a uma certa euforia de que se cercaram as promessas do *Peirce Edition Project*, como pode ser testemunhado em Moore (1982).

Enquanto isso, o depoimento de Pietarinen (2013), sobre sua visita, 2011-2012, aos manuscritos de Peirce na *Houghton Library*, em Harvard, chama atenção, inclusive com fotos, para a deterioração em que se encontram alguns dos manuscritos. Isso é corroborado por Keeler (2020) e Keeler et al. (2020). O que mais interessa notar quanto a isso é o fato de que, já em 1992, Burks, com sua formação em computação, terminou seu testemunho sobre a edição dos *Collected Papers* com a proposta, ousada em 1992, de uma edição digitalizada dos manuscritos, em grafos multidimensionais. Na época já existiam programas comerciais ainda preliminares para a edição multi e hipermídia de textos. A mesma proposta

se repete no competente artigo de Kloesel e Keeler (1997). Também com formação em computação, Keeler conhece os recursos existentes que vão bem além daqueles que Burks conhecia em 1992. Não é por acaso que Pietarinen igualmente terminou seu depoimento com uma exortação sobre a necessidade de digitalização dos manuscritos, o que poderia incorporar, inclusive, os gráficos e grafos de Peirce, muitas vezes coloridos. Isso se não mencionarmos as possibilidades existentes e crescentemente sofisticadas de edições digitais em hipermídia. Essa ideia sugere a possibilidade de criação de conexões entre as partes da obra de Peirce capaz de evidenciar as inter-relações inconsúteis entre elas.

De qualquer modo, o que vale a pena considerar por enquanto é que o valor de uma obra tem mais potência do que quaisquer dificuldades que podem cerceá-la. Assim como a penúria do final da vida de Peirce não o impediu de produzir textos de magnífica importância, a lentidão da edição do *Peirce Edition Project* não impediu que muitos estudiosos tenham passado anos sabáticos em Indianápolis, folheando os manuscritos em um ambiente de extrema receptividade e generosidade. Não impediu que John Deely tenha conduzido a edição CD-rom dos *Collected Papers*, em 1992, e que Joseph Ransdel tenha desenvolvido seu inestimável trabalho para a manutenção do Arquivo virtual. Não impediu que as edições indispensáveis de *Essential Peirce* 1 e 2 tenham vindo a público. Não impediu, ao contrário, de ter instado, que várias escolas de estudiosos da obra peirciana tenham se espalhado por várias partes do mundo e que igualmente uma fértil literatura secundária de especialistas sobre as mais variadas facetas de sua obra tenha aflorado e auxiliado a entrada no seu pensamento de novas gerações de estudiosos.

Enfim, obras de grandes pensadores, filósofos, cientistas, escritores e poetas são publicadas e estudadas, mesmo diante de dificuldades e adversidade, não porque pretensamente teriam ou têm valor mercadológico, como canhestramente pensava Horace M. Kallen (apud HOUSER, 1992, p. 1264), mas porque se trata de obras que dão orgulho e dignificam a existência humana, a existência do ser humano como espécie.

Referências

- BERNSTEIN, Richard; WEISS, Paul. An interview by Richard Bernstein: Paul Weiss's recollections of editing the Peirce. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, [S. l.], v. 6, n. 3/4, p. 161-188, 1970.
- BURKS, Arthur W. *The logical foundations of the philosophy of Charles Sanders Peirce*. Tese (Doutorado em Filosofia) – Ann Arbor, University of Michigan, 1941.
- BURKS, Arthur; MOORE, Edward C. Three notes on the editing of the works of Charles S. Peirce. *Transactions of the Charles S. Peirce*, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 83-106, 1992.
- DEELY, John. Editorial Introduction. In: PEIRCE, Charles S. *Collected Papers of Charles S. Peirce*. Electronic Edition (CD-ROM). Charlottesville, VA: IntelLex. 1992.
- FISCH, Max. Introduction. In: PEIRCE, Charles S. *Writings of Charles S. Peirce: a chronological edition*. v. 1. FISCH, Max (ed.). Bloomington: Indiana University Press, 1982. p. xv-xxxv.
- _____. Introduction. In: PEIRCE, Charles S. *Writings of Charles S. Peirce: a chronological edition*. v. 2 FISCH, Max (ed.). Bloomington: Indiana University Press, 1984. p. xxi-xlviii.
- HARTSHORNE, Charles. An interview by Irwin C. Lieb: Charles Hartshorne's recollections of editing the Peirce papers. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. 6, n. 3, p. 149-159, 1970.
- HOUSER, Nathan. The fortunes and misfortunes of Peirce's papers. In: DELEDALLE, Gérard; DELEDALLE-RHODES, Janice; BALAT, Michel (Eds.). *Signs of Humanity: L'homme et ses signes*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992. p. 1259-1268.

KEELER, Mary. The hidden treasure of C. S. Peirce's manuscripts. *Chinese Semiotic Studies*, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 155-166, 2020.

KEELER, Mary et al. *Discovering the future in the past*. 2020. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/335541650_Discovering_the_Future_in_the_Past_How_CS_Peirce's_19th_Century_Ideas_Challenge_21st_Century_Technology. Acesso: 14 mai. 2021.

KERNAN, W. F. The Peirce manuscripts and Josiah Royce – A memoir Harvard 1915-1916. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 90-96, 1965.

KETNER, Kenneth L. *His glassy essence: an autobiography of Charles Sanders Peirce*. Nashville: Vanderbilt University Press, 1998a.

_____. Introduction. In: PEIRCE, Charles S. *Chance, love, and logic: philosophical essays*. COHEN, Morris R. (Ed.). 2. ed. Lincoln; London: Bison Books Edition, 1998b. pp. v-x.

KLOESEL, Christian; KEELE, Mary. Communication, Semiotic Continuity, and the Margins of the Peircean Text. In: GREETHAM, David (ed.). *The margins of the text*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.

MOORE, Edward; ROBIN, Richard S. (Eds.). *Studies in the philosophy of Charles Sanders Peirce: second series*. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1964.

MOORE, Edward. Preface. In: PEIRCE, Charles S. *Writings of Charles S. Peirce: a chronological edition*. v. 1. FISCH, Max (ed.). Bloomington: Indiana University Press, 1982. p. xi-xiii.

MURPHEY, Murray G. *The development of Peirce's philosophy*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1961.

PAPE, Helmut. Not every object of a sign has being. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, v. 27, no. 2, 1991, p. 141-178.

PEIRCE, Charles S. *Photometric researches made in the years 1872-1875*. Leipzig, Germany: Wilhelm Engelmann, 1878.

PEIRCE, Charles S. (Ed.). *Studies in Logic by members of the Johns Hopkins University*. Boston, MA.: Little Brown & Company, 1883.

PEIRCE, Charles S. *Chance, love, and logic: philosophical essays*. COHEN, Morris R. (ed.). New York: Harcourt, Brace Inc., 1923.

PEIRCE, Charles S. *Collected papers of Charles Sanders Peirce*. HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul (Eds.), vols. 1-6. BURKS, Arthur W. (Ed.), vols. 7-8. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1931-1935; and 1958.

PEIRCE, Charles S. *Charles S. Peirce: the essential writings*. MOORE, Edward C. (ed.). New York: Harper & Row, 1972a.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica e filosofia: textos escolhidos de Charles Sanders Peirce*. Introdução, seleção e tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Cultrix, 1972b.

PEIRCE, Charles S. *The new elements of mathematics by Charles S. Peirce*. EISELE, Carolyn (Ed.). The Hague: Mouton Publishers, 1976. 5 vols.

PEIRCE, Charles S. *The Charles S. Peirce Papers*, 30 reels, 3rd microfilm edition. Cambridge, MA: The Houghton Library, Harvard University, Microreproduction Service, [1963-1966] 1979.

PEIRCE, Charles S. *Writings of Charles S. Peirce: a chronological edition*. FISCH, M.; KLOESEL, C.; et al. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 1982-2010. 8v.

PEIRCE, Charles S. *The essential Peirce: selected philosophical writings*. HOUSER, Nathan; KLOESEL, Christian; Peirce Edition Project (Eds.). Bloomington: Indiana University Press, 1992; 1998. 2 vols.

PIETARINEN, A. *Memorandum to the President of Charles S. Peirce Society, including Guide to the Charles Peirce Material at Harvard Libraries by Ahti-Veikko Pietarinen*. 2012. Disponível em: <https://researchportal.helsinki.fi/en/publications/memorandum-to-the-president-of-charles-s-peirce-society-including>. Acesso em: 10 mai. 2021.

RANSDELL, Joseph. Some leading ideas of Peirce's semiotics. *Semiotica*, [S. l.], v. 19, n. 3/4, p. 157-178, 1977.

_____. Semiotic Objectivity. *Semiotica*, [S. l.], v. 26, n. 3/4, p. 261-288, 1979.

_____. *The significance of Peirce's application to the Carnegie Institution. Editorial Introduction*. 1998. Disponível em:

<https://arisbe.sitehost.iu.edu/menu/library/bycsp/L75/intro/l75intro.htm>. Acesso em: 10 mai. 2021.

ROBIN, Richard S. *Annotated catalogue of the papers of Charles S. Peirce*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1967.

_____. The Peirce papers: a supplementary catalogue. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 37-57, 1971.

ROYCE, Josiah; KERNAN, Fergus. Charles Sanders Peirce. *The Journal of Philosophy, Psychology and Scientific Methods*, [S. l.], v. 13, n. 26, p. 701-709, 1916.

SAVAN, David. *An introduction to C. S. Peirce system of semiotics*. Toronto: Victoria College of the University of Toronto, 1976. (Monograph Series of the Toronto Semiotics Circle, 1).

SHORT, Thomas. Semeiosis and Intentionality. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, [S. l.], v. 17, n. 3, p. 197-223, 1981.

_____. Life among the Legisigns. *Transactions of the Charles S. Peirce Society*, [S. l.], v. 18, n. 4, p. 285-310, 1982.

WEISS, Paul; Burks, Arthur. Peirce's sixty-six classes of signs. **The Journal of Philosophy** 42, 1945, pp. 383-388.

WHALLEY, George. Coleridge and the Self-unravelling Clue. In: JACKSON, H. J. (Ed.). *Editing polymaths: Erasmus to Russell*. Toronto: University of Toronto, 1983. p. 17-40. The Committee for the Conference on Editorial Problems.

Lista de Abreviações

As obras de Charles S. Peirce são citadas como segue:³

Collected papers of Charles Sanders Peirce: volume (v) e parágrafo (p) (CP v.p).

3 Nota do Editor: Esta lista de abreviações segue as normas estabelecidas e disponíveis em: https://en.wikipedia.org/wiki/Charles_Sanders_Peirce_bibliography. Acesso em: 01 set. 2021.

The essential Peirce: volume (v), página (p) (EP v:p).

The new elements of mathematics: volume (v), página (p) (NEM v:p).

Writings of Charles S. Peirce: volume (v), página (p) (W v:p).

The Charles S. Peirce Papers: manuscritos (MS); para Cartas (L), de acordo com o *Annotated catalogue of the papers of Charles S. Peirce* de Robin (1967).